

Desindexar é desafio do governo

■ Ministro quer desmontar um sistema em vigor há 27 anos para deter a inflação

LIA CARNEIRO

SÃO PAULO — A nova equipe econômica está se preparando para a mais difícil das partidas: derrubar a espiral inflacionária. E o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, começou a cutucar o inimigo ainda na concentração.

Para ele, o ataque começa pela desindexação total. Mas desmontar uma estrutura quase perfeita, embora perversa, não é fácil. Quando a dupla Roberto Campos e Octávio Bulhões criou a indexação, em 1966, foi considerado um golaço.

Poupança — O Brasil precisa de uma poupança interna, mas as pessoas só deixariam o dinheiro guardado nos bancos se ele não perdesse o valor. Daí os aplausos da torcida para o lançamento da correção monetária semestral. A tabelinha foi tão perfeita que a inflação média do período (17% ao ano) chegou até a recuar.

Passados 27 anos, as taxas são de 32% ao mês, já bateram mais de 80% e, sem a indexação total, a hiperinflação explodiria. Mas ninguém imaginava que, como uma boa defesa, a indexação acabasse impedindo novos gols.

Bons tempos — “Se o ministro da Fazenda conseguir diminuir sensivelmente a inflação e desindexar a economia, nós poderemos voltar aos bons tempos de campeonatos do mundo”, brinca o presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast), Celso Hahne, lembrando que em 1958 e 1962 não existia indexação

— nem precisava — e que em 1970 ela era muito pequena.

Paulistano, advogado e 73 anos completos agora no final de agosto, Hahne não se cansa de contar para os três filhos os *flashes* do Brasil que já conviveu com inflação de Primeiro Mundo. Na verdade, ele enche a boca para falar da vida desindexada. “Antigamente, o pre-

ço do quilo da carne era 3.000 réis e o pão, que também era comprado por quilo, 800 réis.

Semestral — Seu pai, Arminho Hahne, conseguiu sustentar e formar 10 filhos, tarefa impraticável hoje. “Era uma maravilha, um paraíso. E meu pai também tinha casa própria”, lembra ele. “Imagine se hoje dá para fazer uma coisa dessas.” Para Hahne, quem inventou a inflação foi o presidente Juscelino Kubitschek, que “levou até tijolo de avião para Brasília, quando tinha tudo pronto ali no Rio de Janeiro”.

A moeda era estável e o salário só crescia com ganhos de produtividade e promoções. “Os preços eram reajustados na base da negociação e da apresentação do aumento real do custo. Não subia todo mês. Os reajustes eram semestrais.”

O empresário lembra que a criação do Conselho Interministerial de Preços, o CIP, transformou o governo em um “cartório de autenticação de preços”. “O CIP oficializava a ineficiência das estatais e contribuía para a formação dos oligopólios, já que o aumento pedido por um acabava estendido para todo o setor.”

Receitas de desindexação

Prefixação

Com metas de inflação menores a cada mês, o governo força a queda nos preços e nos salários. Só daria certo com um grande acordo.

Dolarização

O cruzeiro real é convertido em dólar e todo mundo pode usar as duas moedas. O problema é que pode existir uma inflação residual, o que inflacionaria o dólar. Também não se sabe se as reservas em dólar seriam suficientes. Há praticamente um consenso dos economistas de que a receita argentina não funcionaria no Brasil.

Âncora cambial

Os preços passam a ser corrigidos pela taxa de câmbio, mas não há conversibilidade da moeda e não se mexe com as reservas. Depois, a idéia é fixar o câmbio para que tudo siga sua variação.

Congelamento

Não tem mais credibilidade e nem Sunab para elaborar as tabelas.

Indexação

Indexar tudo a um único indexador e depois prefixar a taxa de câmbio, para que todos os preços acompanhem a sua variação.